

# sobre tudo

## A AVENTURA DO CONHECIMENTO

“nada existe, celebremos / aventura”, diz o poeta Afonso Henriques Neto no poema *Discurso*, de 1995. Não se trata de negar a realidade nem o existente: talvez sim de pensar que tudo está por fazer, que aventurar-se é procurar instalar algum sentido nesse todo imenso que se nos apresenta. Aprender não é, talvez, senão isso: celebrar, juntos, a alegria de poder criar com o que se nos oferece, “ver com os olhos livres”, sem nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo, como quis Oswald de Andrade em 1924, no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. Na capa desta edição, trazemos, justamente, duas crianças de volta às aulas presenciais, encarando-nos através de lunetas. “Criando lunetas para observar as estrelas”, foi a atividade proposta pelos professores Allan Falqueiro, Maria Cristiane Reys, Lia Alarcon e Nara Wedekin, da disciplina de Artes, aos segundos anos do Ensino Fundamental, a partir da visualização da lenda indígena da Ema, constelação que existe para quase todos os povos indígenas do Brasil e que indica, para nossos Guaranis, a chegada do inverno. Aprender, conhecer, não são senão facetas dessa aventura de arrancar um saber ao enigma, àquilo que se desconhece, ou ainda, reconhecer que há distintas e múltiplas formas de saber.

A atual edição da revista **Sobre Tudo** foi construída ao longo do primeiro semestre de 2022, quando o Colégio de Aplicação da UFSC encarou o desafio do retorno 100% presencial das aulas. Encontramo-

nos todas e todos novamente, olhamo-nos e avaliamos as grandes dificuldades que encaramos para sobreviver neste último ano e nos manter aprendendo e ensinando, mas fundamentalmente, para estarmos vivos, em uma escola que pulsa, vive e resiste. Temos imensos obstáculos a superar, uma vez que sempre soubemos que o ensino não-presencial jamais substituiria a copresença, o estar juntos, o ser com, o ver nos olhos de cada estudante o desejo de liberdade.

Reunimos, nesta edição, oito textos que reafirmam o escopo principal desta revista: pensar o ensino, em suas múltiplas facetas, nas mais variadas disciplinas e nos desafios históricos que se lhes impõem. Temos, inicialmente, o artigo dos professores Silvio Domingos Mendes da Silva e Denise Massimo Rodrigues, intitulado “O papel das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na escola para a formação e socialização dos jovens residentes na área rural de Major Vieira/SC/Brasil”, que discute a importante questão do acesso aos meios tecnológicos para estudantes de uma escola localizada no Planalto Norte catarinense, ou seja, fora de um grande centro. Em um mundo que insiste no discurso do acesso irrestrito aos meios tecnológicos, as práticas ali analisadas, ligadas à Educação do Campo, reafirmam o papel da escola e do professor na aprendizagem do uso das tecnologias e na democratização do conhecimento, respeitadas as especificidades dos jovens com que se trabalha e de seus contextos.

O artigo seguinte reflete sobre o contexto de nossa instituição; de autoria da assistente social Elaine Cristina da Silva, “Impactos sociais do contexto pandêmico nas famílias e a atuação do Serviço Social do Colégio de Aplicação – UFSC” é um importante documento sobre a ação do CA/UFSC diante da crise sanitária global e de seus impactos nas famílias que fazem parte de nossa comunidade. É de fundamental importância refletir e reafirmar o papel que teve a escola não apenas por reafirmar seu compromisso com uma educação emancipatória, em qualquer suporte que ela aconteça, mas também nas ações e projetos

a partir das quais manteve seu trabalho ininterrupto com as famílias e a necessidade de entender suas necessidades e mantê-las na escola. Diante da insistência de discursos midiáticos mal-intencionados que dão a entender que a instituição esteve “parada” nos últimos dois anos, o texto mostra todo um estudo da realidade das famílias dos estudantes do CA/UFSC, das ações necessárias para viabilizar o acesso de todos ao ensino não-presencial e os impactos desse modelo sobre a saúde física e mental de nossos estudantes.

Temos, na sequência, o relato “O tornar-se professor nas subjetividades, nas artes e nas escolhas da vida cotidiana”, de Márcia Bonfim e Emmanuella Farias de Almeida Barros, que pensa experiência educativas na formação docente através da intervenção social Pekolah: uma história contada em nós, em que se conjuga a discussão sobre o ser professor com a importância das ações antirracistas na formação docente, pensando o processo de subjetivação da própria autora na sua relação com as narrativas negras.

Ainda pensando as questões que envolveram as atividades pedagógicas não-presenciais realizadas no contexto pandêmico, os professores Isabel Monguillott, Maria Izabel de Bortoli Hentz, Suziane da Silva Mossmann e Marcus Vinicius de Oliveira Mitre apresentam o percurso realizado para a realização dos estágios de docência do curso de Letras Português - EaD da UFSC, nas quatro disciplinas de estágio curricular ministradas nos anos de 2020 e 2021, em “Desafios (e possibilidades) da aprendizagem para o fazer docente no ensino remoto no curso de Letras EaD”. Refletir sobre os impactos da pandemia não apenas para os estudantes da educação básica, mas também para a formação de futuros professores, é algo essencial não apenas neste momento, mas para os próximos anos - em que as consequências do vivido se mostrarão patentemente mais fortes. Na esteira dessa reflexão sobre a formação docente, a professora Ana Cláudia de Souza e suas então estagiárias Eduarda Sedrez Schollemborg e Nicole Martins

refletem, em “A interação entre docentes e discentes no ensino remoto”, sobre as possibilidades de interação entre docentes e discentes no contexto das atividades pedagógicas não-presenciais realizadas no Colégio de Aplicação da UFSC durante a pandemia de COVID-19. Trata-se de um relato da experiência em disciplina de estágio obrigatório para a docência do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, que ocorreu nas turmas de 6º ano do Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina, no semestre letivo de 2020.2 (semestre civil 2021.1) que pensa três momentos de ensino tal como foi desenvolvido: 1) aulas síncronas no CA; 2) aulas de recuperação de estudos no CA e 3) aulas de orientação da disciplina de estágio. Também sobre experiências de estágio na disciplina de Língua Portuguesa no CA/UFSC é o artigo “Uma imersão no Realismo e no Naturalismo: trabalhando movimentos literários por meio de atividades pedagógicas não-presenciais”, de Jéssica Taís de Souza, Jordana Machado da Rosa e Rafaela Michels Martins. As autoras desenvolveram seu estágio de docência em uma turma do segundo ano do Ensino Médio do CA/UFSC em 2020 e falam sobre sua docência no modelo não-presencial, do trabalho com a historiografia literária do século XIX brasileiro, ligando-a à abordagem de diferentes gêneros do discurso e expressões artísticas, abordando os aspectos positivos de como o trabalho teve importância na formação de leitores em contexto pandêmico.

Temos, ainda, reflexões sobre a relação entre iniciação científica e ensino remoto, abordada no texto “Oficina remota em tempos de pandemia: uma experiência a partir da Iniciação Científica Júnior, de Silvânia da Silva Costa, Robson Andrade de Jesus, Iann Letocart Araújo e Vanessa Matos Poderoso, que apresenta os dados sobre uma oficina voltada ao nono ano do Ensino Fundamental a respeito do Teorema de Pitágoras, trabalhando conteúdos de geometria com materiais

manipuláveis e verificando que isso gera maior interesse e aprendizagem para os estudantes.

A revista se encerra com a crônica “Pega na mentira”, de autoria da professora Cristiane Seimetz-Rodrigues, da disciplina de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC, que a escreveu com propósitos pedagógicos para os estudantes dos sétimos anos do CA/UFSC em 2022. Trata-se de uma reflexão sobre uma memória de infância que envolve uma mentira, em que a narradora se remete ao vivido para pensar sobre o valor da palavra, da ficção e da memória.

“insistes nele, no mundo, / no entanto, / como se as mudanças de estação / os protocolos de segurança / a didascália / os lapsos de memória / as palavras públicas com as quais tentas exprimir / coisas privadas [...] / fossem coisas feitas para ti / para o teu entendimento” - lemos no poema Medidas, de Ana Martins Marques. Essa série de reflexões, testemunhos, relatos, produções científicas e literárias que ora apresentamos, são, também, nossa forma de insistir (em nos marcarmos) no mundo. De criar condições de liberdade para qualquer um, para todo mundo. De, como diz bell hooks, “ensinar que qualquer um pode aprender”.

Boa leitura!

Comissão Editorial

Fernanda Müller

George França

Gláucia Dias da Costa

Lara Duarte Souto-Maior

Leomar Tiradentes